

DINÂMICA SOCIAL E FAMILIAR: UMA DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DE FAMÍLIAS DE IDOSOS KAINGANG¹

Aline Cardoso Machado Moliterno*
Amanda Marques Padilha**
Rosângela Célia Faustino***
Lúcio Tadeu Mota****
Lígia Carreira*****

RESUMO

Os povos indígenas possuem organização sociocultural e conhecimentos étnicos específicos, fruto de suas relações com o ambiente em que estão inseridos e de sua dinâmica social. Esses fatores relacionados às práticas de cuidado adotadas pela família são pouco conhecidos pela comunidade acadêmica. Assim sendo, o objetivo desta pesquisa foi identificar as condições de vida e a dinâmica da organização social das famílias de idosos Kaingang da Terra Indígena Faxinal. Este estudo consiste em uma pesquisa qualitativa de abordagem etnográfica cujos dados foram coletados por meio de entrevistas e de observação participante no período de novembro de 2010 a março de 2011. Foram entrevistados 25 idosos, e como em alguns casos havia consanguinidade e coabitação, foram estudadas vinte famílias. Os dados foram analisados por meio de análise etnográfica, seguindo os passos propostos por Leininger. As famílias tecem em conjunto peças de artesanato, o que constitui a principal fonte de renda da comunidade. Observou-se fragilidade nas relações matrimoniais, com frequentes trocas de parceiros. Foram reforçadas as características já descritas sobre as famílias Kaingang como a patrilinearidade, a matrilocalidade, a uroxilocalidade e a permanência da autonomia da organização familiar diante de outros aspectos da organização sociopolítica daquela comunidade.

Palavras-chave: Saúde Indígena. Enfermagem Familiar. População Indígena. Relações Familiares.

INTRODUÇÃO

A população indígena brasileira totaliza 817 mil pessoas distribuídas em mais de quatro mil e duzentas terras indígenas (TI), localizadas em vinte e quatro estados e 432 municípios, estando a maior parte destes concentrados na região amazônica e no Nordeste brasileiro^(1,2). No Estado do Paraná, conforme os dados do censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população indígena é estimada em aproximadamente 13.406 pessoas que vivem na zona rural, distribuídas em trinta terras indígenas, das quais vinte são demarcadas, e dez são identificadas, mas ainda sem demarcação.

O IBGE também contabilizou no seu censo de 2010 a existência de 12.509 pessoas autodeclaradas indígenas vivendo em centros urbanos no Estado^(1,3), constituindo assim grupos étnicos culturalmente diferenciados e de propriedades peculiares ainda insuficientemente conhecidas⁽⁴⁾.

Aspectos culturais e o estilo de vida característicos são determinados pela relação que eles mantêm com o meio ambiente, e a sua preservação atualmente compõe a linha das políticas indigenistas no país⁽⁴⁾. As particularidades de sua organização familiar e de parentesco e as complexas regras de casamento, residência e concepções são aspectos de sua cultura que têm grande influência sobre a sua condição demográfica⁽⁵⁾. Neste sentido, a família

1 Artigo originado da dissertação de Mestrado em Enfermagem intitulada: "O cuidado de saúde de famílias de idosos Kaingang na Terra Indígena Faxinal, PR", Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2011.

* Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela UEM. E-mail: aline.machado@gmail.com

** Acadêmica em enfermagem da UEM. Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: amandam.padilha@hotmail.com

*** Pedagoga. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História (CCH/UEM). E-mail: rofaustino@terra.com.br

**** Sociólogo. Pós-doutor em Antropologia Social no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Professor Associado I da Universidade Estadual de Maringá. Bolsista produtividade da Fundação Araucária, Pr. E-mail: ltmota@uem.br

***** Enfermeira. Doutora em Enfermagem Fundamental. Docente de Pós-graduação em Enfermagem na UEM. E-mail: ligiacarreira@hotmail.com

consiste em uma unidade emocional e afetiva caracterizada por dimensões psicológicas e sociais que influenciam diretamente a aprendizagem de comportamentos de saúde^(6,7).

Em vista da mobilidade dos indígenas para os centros urbanos, onde necessitam de atendimento em saúde, bem como a escassez de estudos acerca da dinâmica familiar das populações indígenas do Sul do País e a lacuna de estudos semelhantes na área de saúde com famílias da etnia Kaingang do Paraná, buscou-se nesta pesquisa identificar a dinâmica da organização social das famílias nas quais estão inseridos os idosos indígenas da etnia Kaingang.

METODOLOGIA

O estudo consiste de uma pesquisa qualitativa de abordagem etnográfica realizada na Terra Indígena Faxinal de Catanduvas, PR (TIF), que está localizada no município de Cândido de Abreu, região Centro-Sul do Paraná, sob jurisdição do Distrito Sanitário Especial Indígena Interior Sul, cujo polo básico se localiza no município de Guarapuava. Ali residem aproximadamente 600 pessoas, distribuídas em cerca de 120 famílias^(8,9). A atual medida de 2.043 hectares da TIF corresponde a quase 10% da terra inicialmente destinada pelo Governo Federal a esta população⁽¹⁰⁾.

A etnografia é uma metodologia do campo de conhecimento da antropologia interpretativa que busca a descrição densa de fenômenos, em especial daqueles relacionados à cultura dos diferentes povos^(11,12).

A coleta de dados ocorreu entre novembro de 2010 e março de 2011, por meio de observação participante e entrevistas gravadas em aparelho MP4. Foram ainda adotadas como fonte de dados anotações em diário de campo dos pesquisadores.

Os sujeitos foram selecionados conforme listagem fornecida pela unidade de Saúde local, sendo convidados a participar do estudo aqueles com 60 anos ou mais de idade e seus familiares. Com esse critério, foram entrevistados 25 idosos, e como em alguns casos havia consanguinidade e coabitação, a pesquisa abrangeu vinte famílias.

As entrevistas foram realizadas por meio de visitas domiciliares nas quais foram investigados

a organização familiar e relacionamentos com posterior correlação com a dinâmica da comunidade. Como o idioma predominante na comunidade é o Kaingang, originário do tronco linguístico “Macro Jê”, as entrevistas foram acompanhadas por intérprete bilíngue e o conteúdo foi validado por meio da transcrição das falas em Kaingang por um segundo indígena bilíngue, uma acadêmica do curso de enfermagem e participante do projeto de pesquisa.

O referencial de Madeleine Leininger foi utilizado para a análise dos dados, a qual neste estudo foi desenvolvida em sete etapas: 1) elaboração de relatórios descritivos; 2) categorização de acordo com o fenômeno; 3) identificação de diferenças e; 4) inferências referentes aos padrões culturais observados; 5) validação das inferências com informantes; 6) abstração de categorias; e 7) formulações teóricas. Este processo de análise é iniciado juntamente com a coleta de dados, permitindo assim que aspectos duvidosos sejam esclarecidos com os participantes ainda no campo de pesquisa, sendo considerado na análise também o significado estrutural dos achados, assim como o contexto das situações⁽¹²⁾.

As famílias participantes desta pesquisa foram codificadas através de números arábicos precedidos da letra F e os indivíduos são identificados pela letra M para o sexo feminino e H para o sexo masculino, seguidos da idade.

Esta pesquisa foi apreciada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), obtendo do CONEP parecer favorável de nº 760/2010, e respeitou os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução 196/96 do CNS/MS. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maior parte das famílias reside na sede da TIF, na área próxima à unidade básica de Saúde (UBS) e da Escola Estadual Indígena Professor Sérgio Krigriava Lucas, assemelhando-se a um pequeno vilarejo. Entre os equipamentos sociais disponíveis nesta comunidade identificaram-se também um escritório da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), duas igrejas (uma evangélica e uma católica), uma cadeia e uma casa de

nutrição. Esta aglomeração de pessoas é tida na literatura como consequência do processo de ocupação dos territórios indígenas paranaenses⁽¹³⁾.

O órgão responsável pela manutenção da UBS é a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), que conserva ainda a equipe mantida por um médico, uma enfermeira, um odontólogo, dois auxiliares de enfermagem, um motorista, dois agentes indígenas de saúde (AIS) e um profissional de serviços gerais, sendo os três últimos indígenas da própria comunidade. Toda a medicação prescrita em consultas é administrada pela equipe de enfermagem, sob a alegação de haver baixa adesão ao tratamento medicamentoso por parte dos indígenas e frequentes erros em dosagens e/ou troca de medicamentos quando administrados nos domicílios pelo próprio paciente ou familiares. Nos fins de semana, por não haver expediente na UBS, a medicação é entregue fracionada aos pacientes, que em caso de dúvidas devem recorrer aos AIS.

A Casa de Nutrição é o local onde é distribuída uma sopa feita com recursos da FUNAI sob orientação da Pastoral da Criança, para combate à desnutrição infantil. A sopa é servida três vezes por semana e é destinada às crianças de baixo peso, embora sua distribuição às demais crianças não é negada, com o intuito de prevenir a desnutrição. A sopa excedente é distribuída para as famílias levarem para casa. Esta iniciativa tem um significado importante ao considerarmos o frequente relato de fome entre os indígenas^(13,14), principalmente pela falta de oportunidade de renda na comunidade.

A atividade econômica predominante na aldeia é o artesanato feito de taquara (*Bambusa Vulgaris*)⁽¹⁵⁾. Toda a família se envolve na confecção, independentemente da idade: as mulheres e crianças se ocupam de cestas e balaio, enquanto os homens trançam chapéus e peneiras. Estudo recente realizado em aldeias Kaingang relata que as mulheres desempenham papel fundamental na economia familiar, por serem as principais responsáveis pela produção e comercialização do artesanato^(15,16). Elas organizam no seu grupo familiar a atividade de forma semelhante aos mutirões, para a coleta, preparo da fibra e confecção do artesanato⁽¹⁵⁾.

Quando há grande quantidade de peças prontas, os indígenas viajam as cidades para comercializar a produção⁽¹⁶⁾, permanecendo fora da aldeia até que seja vendida a última peça⁽¹⁵⁾. Destaca-se que, devido à diminuição das matas nativas, a matéria-prima para a elaboração do artesanato, que é a maior fonte de renda da comunidade, está em processo de extinção. O artesanato é também utilizado como moeda de troca por gêneros alimentícios e vestuário nas cidades mais próximas, mas observa-se que seu preço é subestimado nesta prática.

Fui à cidade ontem, troquei um balaio, dos grandes, por um pacote de carne e essa farinha. Ontem eu estava fraquinha, não tinha comida, então fui buscar, vai sair o pagamento [aposentadoria] e vou poder comprar comida no dia 30. (F16, M63)

A fala acima evidencia a sobretaxação de produtos na prática da troca, visto que um balaio grande é vendido por cerca de trinta reais, o pacote de carne a que a idosa se refere pesava aproximadamente um quilo e a farinha adquirida é farinha de mandioca; ou seja, caso os produtos fossem adquiridos em moeda corrente, custariam menos de trinta reais.

Cientes de que a troca não é o meio mais vantajoso para os indígenas obterem artigos, alguns deles procuram trabalhar em fazendas nos arredores da TIF, mas mesmo assim, a mecanização da produção agrícola restringe o número de vagas^(13,15). Além disso, geralmente eles são remunerados como diaristas, não havendo vínculo empregatício ou garantia de direitos trabalhistas. Estes trabalhos são frequentes entre os homens e são sazonais. Situação semelhante foi identificada entre indígenas Kaingang de outras regiões do Paraná e no Rio Grande do Sul^(4,15).

A escassez de recursos financeiros leva aqueles que recebem benefícios do Governo (bolsa-família, salário de professor, agente de saúde e outros) a um status diferenciado dos demais, tornando-os responsáveis pelo sustento da família toda. Pode-se observar isto entre índios que recebem o recurso bolsa-família do Governo Federal e entre os idosos aposentados⁽⁴⁾. Com a atuação da FUNAI, todos os maiores de 60 anos são aposentados e os viúvos têm a garantia da pensão do cônjuge falecido; por isso é frequente o idoso ser o

amparo financeiro da família e, às vezes, dos filhos que já compuseram suas próprias famílias, independentemente da coabitação, conforme observado na fala abaixo.

Estamos chegando agora da cidade, fui receber o salário [aposentadoria]. O pessoal [filhos e agregados] veio tudo para cá, estão com vontade de comer comida de índio antigo. Com dinheiro comprei carne de porco, banha e fubá. Vou fazer bolinho, torresmo e carne. Todo mundo come e lambe os dedos. Eu fico com dó, porque esses índios novos não sabem fazer comida de índio antigo. (F1, M60)

O dinheiro da aposentadoria é, em grande parte, destinado à compra de alimentos como fubá, quirera, feijão e carne, em especial o dorso do frango e a carne do porco. Além destes alimentos, a mandioca e o milho também compõem a alimentação básica desta população^(3,4,13), a qual é rica em amidos e carboidratos, havendo ainda grande quantidade de gordura devido à banha de porco utilizada para o preparo.

Na prática da agricultura familiar entre os indígenas, a distribuição das atividades é realizada de acordo com o gênero, sendo de responsabilidade dos homens o preparo da terra e o plantio, e das mulheres a colheita e transporte dos alimentos para casa. Este transporte é feito em cestos, que são carregados sobre a cabeça por longos percursos. Ao chegar em casa, o preparo do alimento colhido também é de responsabilidade delas⁽¹⁵⁾. Mesmo assim, a prática de plantio de roças para subsistência tem se mostrado pouco produtiva⁽¹³⁾ e o cultivo do feijão e do milho, acompanhado no período deste estudo, mostrou-se bastante prejudicado por alterações climáticas, por isso essa prática esta sendo gradualmente abandonada pelas gerações mais novas.

Plantar a gente até planta, mas vêm os animais dos outros e comem nossas plantas, e se não são os porcos, a chuva vem e apodrece tudo, perdemos todo o feijão; assim, é mais fácil comprar. (F18, M56)

Conforme relatado na fala acima, as dificuldades encontradas para o cultivo do solo reforçam a importância da aposentadoria para a garantia da alimentação das famílias, e, ainda que seja comum idosos residirem sozinhos, foi recorrente a preocupação em ajudar todos os

filhos, principalmente através do fornecimento de alimento, sem se preocupar se o dinheiro ou alimento acabaria. Este desprendimento pode ser atribuído às regras de reciprocidade entre a parentela, determinando que os bens (ou outro artigo de valor, como os alimentos) sejam colocados à disposição destes⁽¹⁶⁾. Este comportamento é descrito nas falas abaixo:

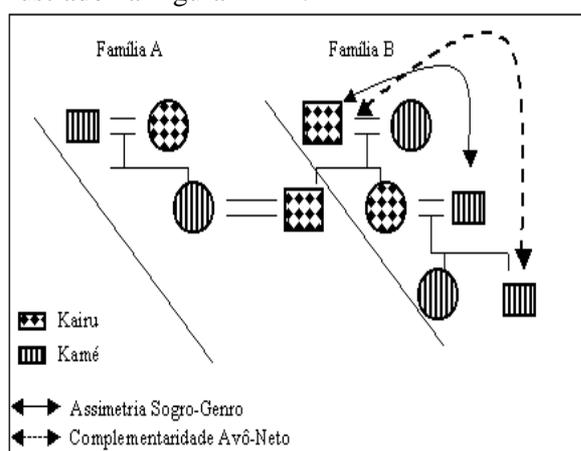
O meu dinheiro é para comprar comida e pagar as compras, o que ela [filha] ganha com os balaios é para comprar roupas e as coisas dela. (F4, M69)

As nossas mães ajudam né, porque os índios têm dó dos filhos, então quando recebem a aposentadoria, dão alguma coisa para gente. A minha mãe às vezes dá alguma coisa que eu preciso, eu acho que os brancos não fazem isso. (F16, M45)

Os entrevistados demonstraram muita satisfação em ter os filhos por perto. Em alguns momentos, ao serem questionados sobre a quantidade de filhos, eles se referiam a cada filho como sendo uma família: *Tenho oito família (F15, M80)*, e quanto maior o número de famílias, maior o entusiasmo com que o relatavam. Este entusiasmo pode ser atribuído à característica das populações indígenas de ter famílias extensas^(3,16). Algumas medidas de planejamento familiar foram observadas nesta população, no entanto os profissionais de saúde relatam pouca adesão à utilização de contraceptivos orais, optando-se dessa forma pela via de administração parenteral, mas ainda assim há uma parcela de mulheres que optam pela não utilização de contraceptivos⁽³⁾.

Etnografias realizadas com esta etnia destacam sua característica sociocultural de metades clônicas⁽¹⁶⁻¹⁸⁾, denominadas de *kamé* e *kairu*. No mito de criação desta etnia estes seriam os nomes de dois irmãos gêmeos que surgiram da terra e originaram a sociedade Kaingang, cada um sendo o oposto do outro e estabelecendo com ele uma relação de complementaridade de características e forças. Assim sendo, tradicionalmente, na constituição familiar, é requerido que os casamentos ocorram entre indivíduos de metades opostas, ou seja, um indivíduo de metade *kamé* deve se casar com aquele cuja ascendência seja *kairu*, identidade clônica que é herdada do pai, determinando a característica patrilinear desta etnia.

Além dessa patrilinearidade das famílias, a forma tradicional de residência é matriloca, ou seja, após o casamento o jovem casal deve morar na casa dos pais da mulher. Dessa forma, observa-se na composição dos grupos familiares a presença de indivíduos de metades opostas em um mesmo domicílio. Nestes casos, o neto, por herdar a identidade clânica do pai (oposta ao do avô materno), é considerado complementar a este avô, que desempenhará na sua educação o papel de responsável pela socialização dos conhecimentos e contextos tradicionais da cultura até o momento em que o neto se casar e for residir na casa de sua esposa, conforme ilustrado na Figura 1^(16,17).



Fonte: Adaptado de Fernandes et al, 1999⁽¹⁸⁾

Figura 9 – Ilustração da transmissão patrilinear de herança clânica e matrilocidade.

A criação das crianças demonstrou-se diferente do observado entre não índios, visto que, embora haja um responsável (mãe ou avós), toda a comunidade participa⁽¹⁶⁾. A escola também desempenha papel importante na formação das crianças através de noções de higiene, além de possibilitar o aprendizado da língua portuguesa, essencial para as relações existentes com pessoas fora dos limites da aldeia, e a escrita da língua materna, o Kaingang, como forma de valorização da cultura deste povo⁽¹³⁾.

Para o índio é assim mesmo, onde a índia está, estão os indiozinhos junto, onde ela come, eles têm que comer também, não abandonamos nossas crianças, porque não se come sem as crianças. (F1, M60)

A fala acima ilustra o cenário observado nas casas visitadas: adultos e idosos fazendo artesanato e as crianças ao redor, aprendendo, brincando e trabalhando a taquara, pois as mãos pequenas são capazes de tecer minúsculas e delicadas peças de fácil comércio, pelo baixo custo. Os Kaingang têm vários filhos, uma média de seis por casal, e os apreciam muito, tendo profundo respeito pela infância.

No decorrer deste estudo foram raras as vezes em que presenciamos adultos contestando o comportamento das crianças de maneira rude. A própria organização espacial das casas favorece esta situação de compartilhamento da educação das crianças, já que na distribuição espacial dos grupos familiares observa-se que eles compõem unidades sociais maiores, denominadas de grupos domésticos⁽¹⁶⁾.

Este aspecto reforça a característica da uxorilocalidade, própria de grupos indígenas pertencentes à família Jê⁽¹⁹⁾, na qual os grupos domésticos são formados por um casal de idosos que residem sozinhos em sua residência, mas são cercados por residências de filhas que por sua vez residem com seus esposos e filhos. Alguns autores escrevem que é na dualidade e assimetria das relações ocorridas nestes grupos domiciliares que estão baseadas as dinâmicas políticas e sociais dos povos Jê, inclusive o Kaingang⁽¹⁶⁻¹⁹⁾.

As casas que compõem os grupos domiciliares acima descritos são construídas pelo governo estadual, havendo alguns modelos preestabelecidos de acordo com o período em que o projeto foi elaborado e implementado. As construções mais recentes possuem encanamento e banheiro no interior, no entanto é frequente identificar banheiros e encanamentos quebrados, sendo relatado pelas famílias a utilização do *mato* para as necessidades fisiológicas e o rio para o banho. Este comportamento é fator relevante de propagação de doenças parasitárias através da contaminação do meio ambiente e da água dos rios pelas fezes⁽¹³⁾.

Apenas uma idosa (F1, M60) relatou ir até a casa da filha para tomar banho, já que não há banheiro em sua casa e a filha possui chuveiro quente. Além das residências que não têm água encanada por falta de manutenção da estrutura oferecida, os mais velhos, ainda que tenham se aproximado do centro da aldeia, preferem viver do modo antigo, em uma casa tradicional que

constroem geralmente ao lado da casa de alvenaria construída pelo governo, de chão batido e coberta de sapé, com uma fogueira ao centro.

O fogo tem uma função bastante importante para esta cultura, pois é sobre ele que são preparados os alimentos é esquentada a água do mate e, nos dias frios, a casa aquecida; além disso, para manter a temperatura agradável durante a noite, os índios dormem ao redor da fogueira⁽¹⁷⁾. A fumaça liberada pela combustão da lenha é responsável pela conservação do milho, evitando os carunchos, e das carnes compradas, uma vez que não é comum a presença de geladeira nas casas indígenas. As carnes são então salgadas e mantidas penduradas próximo à fumaça, sendo assim defumadas. Dessa forma, se associa à fumaça a grande ocorrência de doenças respiratórias nesta população⁽¹³⁾, e ao sal utilizado na conservação das carnes a ocorrência de hipertensão arterial sistêmica.

Ao analisarmos a genealogia das famílias estudadas, podemos identificar que grande parte é descendente de dois importantes caciques antigos. Especialmente os idosos, ao relatarem sua ascendência, contam também o prestígio social que já gozaram naquela comunidade, tanto que alguns dos *kofa* (velhos), entrevistados também ocuparam posição de liderança entre os indígenas, como o posto de policial, tenente e líder de mulheres.

No que tange à organização política Kaingang, o cacique é a autoridade máxima nas comunidades indígenas, sendo ele quem determina o que pode ou não ser feito pelos moradores da T.I ou até mesmo, quem pode ou não morar na aldeia sob seu comando^(15,16).

Nesta comunidade percebeu-se que esta liderança é um importante aliado da Unidade de Saúde no desenvolvimento de campanhas de caráter preventivo, visto que o cacique cobra da população a adesão às campanhas de vacinação e exames de prevenção de câncer no colo do útero. É ele também quem elege entre a população aqueles que o ajudarão a garantir a ordem; estes *eleitos* compõem a liderança e são chamados de *polícia*.

Estes líderes, quanto notam alguma transgressão (consumo de bebidas, violência, brigas) por parte dos indígenas, recolhem o

transgressor para prendê-lo na cadeia da comunidade. Esta consiste em duas celas de alvenaria com aproximadamente 2m² de área com uma grade de ferro trancada por cadeados. Cada cela é destinada a um dos sexos, o masculino ou o feminino, e possui uma pequena abertura próximo ao teto que se assemelha a uma janela. Não há equipamento sanitário disponível aos presos e a alimentação é de responsabilidade da família, assim como o fornecimento de cobertas ou roupas que o protejam do frio, próprio da região. O indivíduo permanece lá pelo tempo determinado pelo cacique, até que tenha *pagado pelo erro* diante da comunidade. Foram observadas prisões por abuso de bebida alcoólica, violência doméstica e adultério.

Embora possa parecer estranha a execução de uma pessoa sem julgamento prévio, é importante frisar que as normas e condutas sociais são determinadas pelo cacique e pelas lideranças em concordância com a comunidade por meio de assembleias, sendo repassadas verbalmente através de gerações. Este modelo castiga o transgressor para tentar coibir que os demais indivíduos tenham a mesma atitude. Nos casos considerados de maior gravidade (assassinatos, estupros) ou naqueles em que há tentativa de escapar da pena, estes podem ser amarrados em um tronco e açoitados pela *polícia*.

A utilização da bebida alcoólica por indígenas é descrita na literatura como um sério problema social⁽¹⁶⁾, provocado por fatores diversos. Entre os entrevistados neste estudo, o relato do álcool foi bastante frequente, havendo inclusive a dificuldade de acesso a alguns dos idosos em função do constante estado de embriaguez. As mulheres falam com maior facilidade sobre a utilização da bebida, especialmente ao descreverem momentos de dificuldade da família em função da bebida alcoólica:

O marido bebia pinga e chegava bravo em casa. Eu tinha que fugir para o mato com as crianças, e dormia por lá, mesmo no frio, porque senão ele ia bater em todos nós. (M5,100)

Ao considerar tal fala, pode-se relacionar o uso de bebidas alcoólicas com o aumento da violência, cujas principais manifestações são agressões físicas, principalmente contra mulheres e crianças, além de brigas e até dissolução de casamentos⁽¹⁶⁾; nesses casos as

brigas poderiam ser por motivos considerados pequenos ou infundados, se o índio não estivesse sob o efeito do álcool⁽¹⁶⁾.

Ele (F13,H61) tentou matar ela (F13, M70) de tanto beber, mais de uma vez. Tranca a porta, amarra ela e coloca a garrafa de pinga na boca dela. Eu mesma já a salvei muitas vezes, mas para ir lá salvar a mulher tem que pedir, e ela me pediu ajuda. (F16,M45)

Da mesma forma que relatado na fala acima, estudos a respeito da utilização de bebidas alcoólicas pelos índios e não índios expõem ainda que o álcool atua como um agente impulsionador de violências, tanto física quanto sexual, resultando em atos que não seriam realizados sem o uso da substância⁽¹⁶⁾.

Foi observada elevada frequência de violência doméstica nesta comunidade, no entanto os espancamentos e agressões são percebidos de maneira diferenciada por este povo, que acredita não ter o direito de intervir no relacionamento de um casal, sendo oferecida ajuda à vítima e punição ao agressor apenas nos casos em que um dos dois se dirija aos líderes da comunidade e solicite providências, ou, como dizem os indígenas, “*dá parte contra ele*”. Convém ressaltar que os agressores não são apenas os indivíduos do sexo masculino e que entre as situações que desencadearam o fato destacam-se relatos de ciúmes ou constatação de adultério.

Vê-se então que, embora esta sociedade seja monogâmica, não é rara a ocorrência de relações extraconjugais que resultam tanto em situações de violência familiar e concepção de filhos fora do casamento, quanto em divórcios. Este cenário é propício à ocorrência de doenças sexualmente transmissíveis, visto que essa população não adere à utilização de preservativos. Os protagonistas destas relações são de conhecimento de grande parte dos moradores da aldeia, contudo, como na situação de violência familiar, não são tomadas quaisquer providências até que haja uma solicitação explícita da vítima à liderança.

Ao mesmo tempo em que se percebe um consentimento velado à prática, os casos de adultérios que se tornam públicos são muito recriminados na comunidade. Existe relato de que algumas mulheres, geralmente as que já se tornaram viúvas, mantêm relações sexuais com

homens diversos sem receber algo em troca, visto que a oferta de presentes a uma mulher pode significar um pedido de casamento⁽¹⁶⁾.

Não obstante, não ficou evidente até o momento que este comportamento ou *status* social exista de fato nesta comunidade, ou que seja o responsável por casos de adultério. Ainda que não tenha sido possível determinar os motivos da permissividade nas relações extraconjugais, é bastante evidente a fragilidade das relações matrimoniais, em especial entre os mais jovens, pela constante mudança de parceiros, não sendo raro indivíduos estarem no quinto ou sexto casamento.

Estas relações e a própria dinâmica através da qual as famílias e a comunidade se organizam reforçam a necessidade de compreender o mundo de significados destas famílias para que seja possível assisti-las e orientá-las adequadamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo reforçou as características já descritas sobre as famílias Kaingang - a patrilinearidade, a matrilocalidade e a uxorilocalidade - que se referem à constituição de grupos domésticos a partir dos grupos familiares. Cumpre destacar ainda que a função social dos idosos junto a estas famílias apresentou-se de maneira relevante no que tange ao sustento financeiro dos descendentes, à educação de netos na transmissão de saberes e ao papel de centralizador dos grupos familiares na organização dos grupos domésticos.

A comunidade, embora tenha seu modo próprio de funcionamento e um líder absoluto - o cacique respeita a instituição familiar ao determinar ou não intervenções que para não índios seriam situações de crise, como a violência doméstica ou relações extraconjugais.

Este estudo, embora tenha descrito as condições de vida e dinâmica de organização social das famílias nas quais os idosos indígenas de etnia Kaingang estão inseridos, na realidade restringe-se a uma T.I. e ocorreu a partir de um período de observação curto, se considerarmos estudos etnográficos em sua essência. Assim sendo, recomendamos que novas pesquisas sejam realizadas em outras TIs Kaingang com os mesmos objetivos desta, buscando um corpo de

conhecimento consolidado para a generalização do comportamento à etnia. Da mesma forma, recomenda-se a pesquisa por períodos maiores

para que seja aprofundado cada um dos aspectos aqui apontados.

SOCIAL AND FAMILY DYNAMICS: AN ETHNOGRAPHIC DESCRIPTION OF FAMILIES OF ELDERLY KAINGANG INDIVIDUALS

ABSTRACT

Indigenous people have specific socio-cultural organization and ethnic knowledge which is resultant of relationship with the environment in which they live and their social dynamics. These factors are related to care practices adopted by the family, being unknown to the academic community. Therefore, the objective of this research was to identify the organization and social dynamic of families of Kaingang individuals in Faxinal- PR. It is a qualitative research with ethnographic approach. Data was collected through interviews and participant observation from November 2010 to March 2011. We interviewed 25 elderlies and 20 families. Data were analyzed using ethnographic analysis, following the steps proposed by Leininger. The families weave together pieces of craftsmanship that is the main source of income for the community. There is weakness in marital relations, with frequent exchanges of spouses. Some characteristics already described to Kaingang families were highlighted such as the patriliney, the matrilocality and the uxurilocality. The autonomy of the family organization before other socio-political aspects of that community organization was also reinforced.

Keywords: Indigenous Health. Family Nursing. Indigenous Population. Family Relations.

DINÁMICA SOCIAL Y FAMILIAR: UNA DESCRIPCIÓN ETNOGRÁFICA DE LAS FAMILIAS DE ANCIANOS KAINGANG

RESUMEN

Los pueblos indígenas poseen organización sociocultural y conocimientos étnicos específicos, fruto de sus relaciones con el ambiente en que están insertados y su dinámica social. Estos factores relacionados a las prácticas de cuidado adoptadas por la familia son poco conocidos por la comunidad académica. Así siendo, el objetivo de esta investigación fue identificar las condiciones de vida y dinámica de organización social de las familias de ancianos Kaingang en la Tierra Indígena Faxinal. Se trata de una investigación cualitativa de abordaje etnográfico, cuyos datos fueron recolectados a través de entrevistas y observación participante en el periodo de noviembre de 2010 a marzo de 2011. Fueron entrevistados 25 ancianos y por haber consanguinidad y cohabitación en algunos casos, fueron estudiadas 20 familias. Los datos fueron analizados a través de análisis etnográfico, siguiendo los pasos propuestos por Leininger. Las familias tejen en conjunto piezas de artesanía, que es la principal fuente de renta de la comunidad. Se observó fragilidad en las relaciones matrimoniales, con frecuentes cambios de parejas. Fueron reforzadas las características ya descritas sobre las familias Kaingang como la patrilinealidad, matrilocalidad, uxurilocalidad y la permanencia de la autonomía de la organización familiar delante de otros aspectos de la organización socio-política de aquella comunidad.

Palabras Clave: Salud Indígena. Enfermería Familiar. Población Indígenas. Relaciones familiares

REFERÊNCIAS

1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010: resultados preliminares do universo, conceitos e definições – tabelas adicionais. Rio de Janeiro; 2010. [acesso em: 20 jun 2011]. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_adicionais.pdf
2. Fundação Nacional de Saúde (Brasil). Lei Arouca: a Funasa nos 10 anos de saúde indígena. Brasília: Funasa; 2009.
3. Silva EP, Pelloso SM, Carvalho MDB, Toledo MJO. Exploração de fatores de risco para câncer de mama em mulheres de etnia Kaingang, Terra Indígena Faxinal, Paraná, Brasil, 2008. *Cad Saúde*. 2009; 25(7): 1493-1500.
4. Kühl AM, Corso ACT, Leite MS, Bastos JL. Perfil nutricional e fatores associados à ocorrência de desnutrição entre crianças indígenas Kaingang da Terra Indígena de Mangueirinha, Paraná, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2009 Feb; 25(2): 409-20.
5. Pagliaro H, Junqueira C. Recuperação populacional e fecundidade dos Kamaiurá, povo Tupi do Alto Xingu, Brasil central, 1970-2003. *Saúde Soc*. 2007; 16(2):37-47.
6. Torres GV, Reis LA, Reis LA, Fernandes MH. Qualidade de vida e fatores associados em idosos dependentes em uma cidade do interior do Nordeste. *J Bras Psiquiatr*. 2009; 58(1):39-44.
7. Figueiredo MHJS, Martins MMFS. Avaliação familiar: do modelo Calgary de avaliação da Família aos focos da prática de enfermagem. *Cienc Cuid Saude*. 2010; 9(3): 552-59.
8. Fundação Nacional de Saúde (Brasil). Relatório de Gestão da FUNASA 2009. Brasília(DF): Funasa; 2009.
9. Faustino RC, Farias AK, Alves JNK, Mota LT. Kaingang do Faxinal: nossos conhecimentos e nossas histórias antigas. Maringá: Eduem; 2010.
10. Mota LT, Assis VS. Populações indígenas no Brasil: histórias, culturas e relações interculturais. Maringá: Eduem; 2008.
11. Malinowski B. *Malinowski*. Antropologia. São Paulo: Ática; 1986.

12. Leininger MM. *Qualitative Methods in nursing*. Orlando: Grune and Stratton; 1985.
13. Faustino RC, Chaves M, Toledo MJO, Mota LT, Angelis-Neto G, Nanni MR. Intervenções pedagógicas em educação para a saúde realizadas junto aos grupos indígenas Kaingang de Ivai e Faxinal no Paraná. *Cienc Cuid Saude*. 2007;6(Suplem. 2):433-41
14. Castro TG, Schuch I, Conde WL, Veiga J, Leite MS, Dutra CLC. Estado nutricional dos indígenas Kaingáng matriculados em escolas indígenas do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2010 Sep; 26(9):1766-76.
15. Faustino RC, Novak MSJ, Lança VS. Educação, trabalho e gênero na sociedade Kaingang: estudo sobre os Kaingang de Faxinal no Paraná. *Emancipação*. 2010; 10(1): 341-50.
16. Ramos LMM, Vénh JKHHK. *Permanência e mudança do sistema jurídico dos kaingang no tibiagi*. Brasília(DF): Universidade de Brasília; 2008.
17. Tommasino K, Fernandes RC. Instituto socioambiental. Povos indígenas no Brasil: distribuição de terras kaingang. [acesso em 2010 mar 10]. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/285>.
18. Fernandes RC, Almeida LK, Sacchi AC. Casa e Ritual: um estudo sobre os papéis de gênero na construção da sociabilidade Kaingang. III Reunion de Antropologia del Mercosur, Posadas, Argentina, Nov 1999. [acesso em 2010 mar 25]. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/articulos/etnias03.htm>
19. Soares J. Aspectos comuns da organização social Kaingang, Xavante e Bororo. *Espaço Ameríndio*. 2008; 2(1): 44-67.

Endereço para correspondência: Aline Cardoso Machado Moliterno. Rua Eurico Batista de Oliveira, nº 662, Parque da Gávea, CEP: 87053-336, Maringá, Paraná.

Data de recebimento: 09/09/2011

Data de aprovação: 14/12/2011